



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 41, Janeiro-Abril 23



ÍON E A PARRESÍA DO PRESENTE:

PISTAS PARA A INVESTIGAÇÃO DA PARRESÍA DE ATENAS AO BRASIL

ION AND THE PARRHESIA OF PRESENT:

CLUES FOR INVESTIGATING THE PARRHESIA FROM ATHENS TO BRAZIL

Beatriz Souza Almeida (UNEB/CAMPUS I/PPGEL/CAPES/LABEDISCO/CNPq)

RESUMO: Este artigo propõe a discussão sobre os estudos da *parresía* propostos por Michel Foucault em *O Governo de Si e dos Outros* (2010) e nas *Conferências de Berkeley* (2013), a partir das tragédias de Eurípedes, sobretudo em *Íon*. Compreendo o *corpus* de análise a partir da própria tragédia eurípediana e também para reportagens do Brasil da atualidade que servem como materialização dos discursos no que diz respeito a *parresía* e a *anti-parresía*. Metodologicamente, proponho um estudo comparativo com base no proposto por Foucault sobre a *parresía* para pensar no que constitui a *anti-parresía*, de Atenas e do Brasil contemporâneo. As análises realizadas apontam para a questão da cidadania como intrínseca ao exercício da *parresía*, como também ao exercício da *anti-parresía*; essas duas formações discursivas do ato do dizer, verdadeiro e não verdadeiro respectivamente, apresentam-se como ramificações para o princípio que é a cidadania como direito.

PALAVRAS-CHAVE: Parresía; Anti-Parresía; Cidadania; Brasil; Atualidade.

ABSTRACT: This article proposes a discussion on the studies of parrhesia proposed by Michel Foucault in *The Government of Self and Others* (2010) and in *Berkeley Conferences* (2013), based in tragedies of Euripides, especially in *Ion*. I understand the corpus of analysis from the Euripedian tragedy itself and also for reports from Brazil currently that serve as the materialization of discourses with regard to parrhesia and anti-parrhesia. Methodologically, I propose a comparative study based on Foucault's proposal on parrhesia to think about what constitutes anti-parrhesia, in Athens and in contemporary Brazil. The analyzes carried out point to the question of citizenship as intrinsic to the exercise of parrhesia, as well as to the exercise of anti-parrhesia; these two discursive formations of the act of saying, true and not true respectively, are presented as ramifications for the principle that citizenship is a right.

KEYWORDS: Parrehsia; Anti-Parrhesia; Citizenship; Brazil; Currently.

Pelos caminhos sinuosos da Atenas e da *parresía*

Hoje, ousou me enveredar por caminhos do discurso que são, ainda, limitados, atrevo-me a tentar escrever uma discussão teórica sobre formas de linguagem e de dizer que não podem, de modo algum, ser limitadas ou cercadas por uma teoria única. Nisto reside meu medo, anseio e é também o que me movimenta. Atrevo-me a dizer, talvez, que Michel Foucault tenha traçado um caminho tão sinuoso e quase tão indecifrável que há riscos de ser um ponto fora da curva, mas é, sobretudo, um pensamento para o hoje, o dia, o momento histórico, as formas de dizer que criamos. A coragem de dizer é do que trata a *parresía* em sua magnitude, então cá estamos, arriscando nossas cabeças.

É verdade que, muito embora o exercício da *parresía* implique a coragem de dizer a verdade, que implique no risco que se assume ao falar francamente, é em outros caminhos que irei buscar a manifestação da *parresía* como a fala direcionada à cidade e que será direcionada ao si. É em *Íon*, de Eurípedes, e nas análises e leituras feitas por Michel Foucault que ousarei descortinar as metades, os mínimos detalhes do que podemos entender por *parresía* nesta tragédia.

O ponto de partida que conduzirá essa tragédia de Eurípedes recairá em quem tem o direito, o dever e a coragem de falar a verdade, de exercer a *parresía*, pois muito embora em *Íon* a *parresía* apresente uma configuração múltipla, seu dever, direito e coragem de exercício se apresentam para diferentes personagens. O direito à *parresía* se desdobra a partir da cidadania, da autoctonia de Atenas, mas o dever e a coragem da verdade surgem independentes da autoctonia.

Mas, pregressa as análises, é preciso compreender a narrativa de *Íon*. Para isto apresento a introdução feita por Foucault para falar sobre a tragédia, vejamos:

A jovem Creusa é seduzida por Apolo. É seduzida por Apolo e possuída por ele nas próprias grutas da Acrópole, por conseguinte o mais perto do templo e do lugar sagrado reservado ao culto de Atena. Ela é seduzida, possuída por Apolo nas entranhas da Acrópole, e concebe um filho que, por vergonha e para ocultar sua desonra, vai enjeitar, abandonando-o. Esse filho desaparece sem deixar vestígios. Na verdade, Hermes raptou o filho nascido dos amores de seu irmão Apolo e de Creusa. Hermes o rapta por ordem do próprio Apolo, transporta a criança em seu berço para Delfos, onde é deixado, sempre por Hermes, no templo. A sacerdotisa de Apolo, a Pítia, vendo aquela criança mas não sabendo, por mais Pítia que fosse, que se trata do filho de Apolo, acha que se trata de uma criança abandonada, recolhe-a e faz dela um servidor do templo. O filho de Apolo e de Creusa toma-se portanto um humilde servidor, que vai varrer a entrada do templo. Esse filho, claro, é Íon. Enquanto isso, Creusa, que ninguém à sua volta sabe que foi seduzida por Apolo e teve um filho dele, é dada por seu pai como esposa a Xuto. Ora, Xuto é um estrangeiro. Não nasceu em Atenas. Ele vem da Acaia, isto é, de uma parte do Peloponeso, mas foi casado com Creusa por Erecteu. Porque durante uma guerra de conquista da Eubeia, Xuto ajudou o exército ateniense, ajudou Erecteu. E, em recompensa por essa ajuda, Xuto recebe Creusa e seu dote. Essa é a situação que Eurípedes apresenta ou faz Hermes apresentar no início da peça. (FOUCAULT, 2010, p. 75).

Agora que conhecemos a história prévia de *Íon* é que poderemos ver mais claramente a égide extensa que delinea a *parresía* nesta tragédia. Michel Foucault apresenta três eixos centrais para a revelação da verdade em *Íon* e o exercício da *parresía*, vou me guiar por estes eixos sinuosos para chegar em uma tentativa, também sinuosa, de conclusão neste jogo de verdades labirínticas que é a *parresía*.

Os eixos da verdade no jogo *parresiástico* de *Íon*

Gostaria de iniciar essa discussão com uma remissão a outro trabalho para o que diz respeito ao *logos*, isto porque, como veremos mais adiante, a *parresía* vai se constituir também pelo exercício do *logos* na *pólis*, isto é, pela fala franca e racional direcionada à cidade. Busco nessa remissão me enveredar sobre o primeiro eixo apresentado por Foucault em suas análises: o dizer verdadeiro que parte do oráculo, ou dos deuses. No hiato que abro agora o *logos* “é a palavra de Deus, é o meio pelo qual o Deus Pai fala aos homens, é por meio do *Logos* que ele, Deus, expressa as máximas para a conduta dos fiéis através dos mandamentos” (MILANEZ, MOURA, ALMEIDA, 2021, p. 60), essa primeira leitura é importante para compreender a *parresía* em *Íon* porquê ao longo da tragédia percebemos que o exercício do *logos*, do dizer a verdade, o exercício da palavra de Deus à humanidade é oblíqua, quase inexistente. Nestes termos, “a palavra de deus” deixa de ser o meio pelo qual deus fala aos homens; em *Íon* a comunicação, a descoberta da verdade que precisa ser direcionada aos homens deve surgir diretamente da humanidade.

Veremos agora o desdobramento da configuração da *parresía* ateniense através dos eixos apontados por Foucault em *O Governo de Si e dos Outros*.

Eixo I: Em *Íon*, a palavra do oráculo é indireta, apenas indica pistas para uma verdade que vai ser desvelada somente ao final da tragédia; *Íon* não responde diretamente à humanidade, como Foucault aponta em *O Governo de Si e dos Outros*, a verdade é constituída em metades. É na impossibilidade de Apolo em revelar a verdade que reside o problema do deus para com a verdade: Apolo não pode desvendar a verdade não porque não conhece a verdade, mas sim, porque a verdade que revelaria a sua filiação com *Íon* revelaria também a falta do deus cometida, isto é, seu ato de ter violentado, engravidado e abandonado Creusa nas grutas da Acrópole, deste modo, “a resposta não pode vir do deus, não por causa da estrutura do dizer-a-verdade oracular, mas porque o deus, que fez mal teria de confessar que fez mal e superar a vergonha de sua má ação” (FOUCAULT, 2010, p. 83), nesse ínterim, o dizer-a-verdade de Apolo é o dizer-a-verdade sobre si mesmo.

Nessas margens, revelar a natureza de sua ação através da verdade representaria uma forma de confissão para Apolo, a confissão e obrigação de dizer a verdade que recai sobre a humanidade. Apolo, ao revelar a verdade da situação, revelaria a verdade sobre si próprio, um empreendimento para o *conhece-te a ti próprio* que ele recusa. Apolo não tem relação consigo, ele não carece da necessidade de estabelecer relação consigo mesmo.

No entanto, a não obrigação de dizer a verdade do oráculo, ou por parte dos deuses, é derrubada ao final da peça, quando os personagens estão com todas as metades da verdade em mãos, mas não conseguem verbalizar a verdade: é a deusa Atenas que vem, enviada por Apolo, para finalmente dizer a verdade sobre os acontecimentos. Por que Atenas, mesmo enquanto deidade, pode revelar a verdade que não podia ser revelada por Apolo? Me parece que há uma inversão devido ao que Atenas representa, isto é, ela é a deusa da razão, da estratégia, da sabedoria, Atenas pode falar a humanidade de um lugar que representa ela própria.

Eixo II: Eis, então, que devido as meias verdades - ou meias mentiras, contados por Apolo, outro problema se desenrola na tragédia: a cidadania de Íon. É sobretudo a questão da cidadania de Íon que nos dá o indicativo mais evidente da *parresía* nesta tragédia, porque Íon se preocupa em agora ter um pai, que não é um autêntico cidadão ateniense e, portanto, não pode conferi-lo o direito de falar à *pólis*. Íon sabe que Xuto, que só é ateniense por ter se casado com Creusa que é cidadã autêntica de Atenas, não pode lhe dar como herança o direito de desempenhar o papel que ele almeja na cidade, então ele empreende-se em descobrir quem, afinal, é sua mãe.

Íon, apesar de não saber que o que Apolo disse a Xuto não era verdade, não se contenta com a história mal contada, por assim dizer. Ele aceita Xuto como pai, mas ao ter a revelação que Creusa não é sua mãe – afinal, ele se entrelaça na família pelo lado oposto, questiona Xuto como e com quem então foi concebido, ao que Xuto lhe responde muito simplesmente que foi concebido durante rituais com as mênades. É importante ressaltar que Xuto ao dizer essa suposta história da concepção de Íon não está, de modo algum, tentando embromar Íon; Xuto acredita verdadeiramente que Íon foi concebido dessa forma e ele toma essa historieta como verdade principal e irrevogável. Acontece que essa história inventada por Xuto acaba sendo a mazela que aflige Íon, vejamos:

[...] ouve! Conta-se que a ínclita Atena
autóctone é geração sem imigração, 590
 onde cairei em posse de dois males,
 sendo filho espúrio de pai forasteiro,
 e com a afronta, ficando sem força,
 serei chamado nada, não sendo nada. (Eurípedes, 2016, 294, *grifos da autora*)

O que enviesa a fala de Íon aqui é a obrigatoriedade da cidadania ateniense para poder falar à cidade. Foucault (2010, p. 93) explica: “Atenas é pura de toda mistura estrangeira, quer dizer, todo cidadão tem de ter nascido de pai e mãe cidadãos.”, isto é, para Íon que é filho de um estrangeiro em Atenas, e bastardo, que desconhece a origem de sua mãe, jamais poderia possuir a cidadania de direito. Íon, *nada, sendo nada* como ele se autodeclara, representa então seu não-lugar na cidade de Atenas; ele não tem direito de nascimento, tampouco direito político.

Contudo, tudo que Íon deseja é desempenhar um papel na cidade, um papel ao qual aparentemente ele não tem direito. Foucault evoca as três categorias de cidadãos para poder explicar o papel desejado por Íon. A primeira categoria diz respeito aos cidadãos que não tem capacidade política para defender a si próprios, embora por autoctonia tenham esse direito; são os cidadãos que representam as massas, mas que apesar de seu contingente, demandam impotência política. A segunda categoria de cidadãos representa os chamados cidadãos de bem, aqueles que tem poderes e riqueza, àqueles que o direito de nascimento lhes confere algum estatuto, mas também por serem sábios (*sophoi*), escolhem não participar da política. E a terceira categoria é a que interessa a Íon; são cidadãos também poderosos e de bem, mas, que ao contrário dos sábios, manejam a política e a razão, estes cidadãos manejam “tanto a *logos* como a *pólis*; e são eles, claro, que representam a autoridade política” (FOUCAULT, 2010, p. 95). É por conta da função que a terceira categoria de cidadãos desempenha que Íon é privado de ocupar tal posição; a fala à *pólis* só poderá partir daqueles que pertencem a *pólis*, pois o contrário representaria tirania do ocupante.

Eixo III: Doravante, embora possa parecer um distanciamento da *parresía*, gostaria de me deter sobre outra forma de dizer-a-verdade, conforme discutida por Michel Foucault em *Íon*: trata-se da confissão. É verdade que, quando falamos em confissão acessamos de imediato o paradigma confessional cristão, o ato de revelar a si ao outro, contudo, quero discutir a confissão pelo modo como ela é feita na tragédia de Eurípedes.

A confissão parte de Creusa, que após ficar sabendo que Xuto pretende ludibria-la com a origem de Íon sente-se traída e enfurecida. A fúria de Creusa é o que a levará a confissão-verdade, porque ao fazer sua confissão ela revelará a primeira parte da verdade concreta sobre Íon, nesse jogo de verdade que nasce como confissão, mas termina como uma *parresía*, uma *parresía* de ordem pessoal, como aponta Foucault (2013, p. 34), pois a atitude de Xuto a destituiria do lugar que ela sempre ocupou; não se trata de uma fúria por ressentimento, mas porque ela sente que Íon iria usurpar seu lugar dentro da própria casa. Vejamos um fragmento de seu ato confessional:

[...] Ó tu, que modulas o estrépito

septíssonos da cítara, que ecoa
nos agrestes chifres sem vida
os hinos sonoros das Musas,
ó filho de Leto, de ti farei 885
queixa perante este clarão.
Vieste-me com teus cabelos
cor de ouro, eu colhia cróceas
pétalas nas dobras do manto
floridas com áureo fulgor. 890
Os alvos punhos das mãos
tomaste-me ao leito da gruta,
gritando eu clamor por mãe,
Deus no mesmo leito
seduziste sem pudor 895
com a graça de Cípris.
Mísera te gero o filho
que temerosa da mãe
arremesso ao teu leito
onde mísera às míseras 900
núpcias tu me jungiste.
Óímoi moi! Ora se foi
pasto rapinado das aves
o filho meu e teu.
Mísero, soas a cítara 905
modulando os peãs.
Oé! Digo filho de Leto
que distribuis vaticínio
no trono de ouro e na
sede no meio da terra. 910
Anunciarei à luz a fala:
Ió, ió! Mau amante,
que ao meu esposo
sem que recebas graça
instalas o filho em casa! 915
Filho meu e teu ignorado
roubado por aves se vai
ao sair das faixas da mãe.

Odeiam-te Delos e láureas
frondes e palmas ramadas, 920
onde santo parto te pariu
Leto nos jardins de Zeus. (Eurípedes, 2016, p. 306-307)

Eis, então, que Creusa, enfurecida com Xuto, acaba revelando seu envolvimento com Apolo, mas ainda sem saber que Íon, a quem Xuto está levando para casa como filho é o mesmo a quem ela deu à luz nas grutas da Acrópole. Creusa traz a luz parte essencial da verdade na tragédia, enquanto outra parte continua obscurecida. Mas, sobre a confissão de Creusa é preciso compreender como ato de dizer-a-verdade em jogo que vai tornar-se *parresiástico*, pois “o ato de dizer a verdade e a confissão estão, de certo modo, entrelaçados, pois o sujeito estabelece uma relação consigo e com o outro a quem essa verdade está sendo endereçada” (MILANEZ; MOURA; ALMEIDA, 2021, p. 75-76), ou seja, Creusa, que dirige sua confissão acusativa à Apolo, desvela a verdade do que os envolve, ao mesmo tempo que entrelaça Íon neste jogo de verdade, amarra-o a essa confissão.

Entrementes, a confissão de Creusa constitui-se como uma fala dupla, conforme Foucault aponta (2010, p. 102) “uma cena de confissão que se faz em dois registros: a confissão blasfematória, a confissão acusadora pronunciada contra Apolo; e, por outro lado, a confissão de certo modo humana, a confissão penosamente arrancada palavra por palavra”. Essa confissão dupla é o que marca a linha tênue do jogo *parresiástico* em Íon, quer dizer, parte da reticência de Apolo em não dizer a verdade para Creusa que admite a verdade para si ao mesmo tempo que acusa Apolo; e ela o faz publicamente, sua confissão que é de natureza pessoal, que parte pela sua incapacidade de suportar as injustiças que lhe afligem, escoia para a fala pública, política. É em Creusa, finalmente, que vislumbramos a formação, ou melhor, a transição de uma verdade que é originalmente privada interferir no âmbito público, é a *parresía* agindo na *pólis*.

Estes são os limiares para a intersecção da *parresía* na tragédia de Eurípedes: Apolo e seu oráculo incapazes de exercer a *parresía*, obtuso por conta de sua culpa e vergonha; Íon, que mais do que tudo tem a necessidade de saber a origem de seu nascimento para poder exercer a *parresía* livremente e, Creusa, que vivencia a *parresía* em sua forma mais pura e livre.

Todavia, embora os três personagens representam a *parresía* em diferentes aspectos, apenas Íon e Creusa podem ser considerados personagens *parresiastas*. Íon possui a *parresía* de nascimento, embora ele não esteja ciente disso no começo da tragédia, possui a autoctonia necessária para o exercício da *parresía* em Atenas, e é também um sujeito que não teme a verdade. Logo após saber de sua suposta filiação com Xuto demonstra preocupação com sua origem materna, porque se preocupa

com os assuntos que dizem respeito a *pólis*; Íon tem a coragem necessária à *parresía*, mas apesar disto “ele não pode legal ou institucionalmente usar essa *parresía* natural com que é dotado” (FOUCAULT, 2013, p. 30), pelo fato de desconhecer sua origem materna. É por conta deste desconhecimento que Íon é levado a buscar sua origem materna, não porque afeto ou ausência, mas por ser na mãe que ele espera encontrar seu direito à *parresía*.

Íon é, ao mesmo tempo, *parresiasta* e não *parresiasta*, uma vez que é privado de seu direito de exercê-la; é privado porque Apolo, seu pai, lhe nega o direito a verdade. Íon vai buscar em sua mãe o direito de *parresiastes*, e é justamente ela que o concede, pois enquanto Apolo não tem coragem da verdade, não age como *parresiastes*, Creusa será capaz de revelar-lhe a verdade e libertá-lo para viver a *parresía*.

Nessas margens, Creusa vivencia um outro tipo de *parresía*. Segundo Foucault (2013, p. 31) “ela não usará a *parresía* para falar a verdade sobre a vida política ateniense ao rei, porém para acusar Apolo publicamente por sua má conduta.”. Embora a *parresía* de Creusa não seja destinada a vida política, ela é direcionada a *pólis*, pois, afinal, é através da verdade dita por ela que Íon poderá falar a *pólis*; Creusa escolhe não falar à *pólis*, mas ainda assim, fala pública e francamente como uma essencial *parresiasta*. Creusa, assim como Íon, escolhe a verdade e “a *parresía* parece ligada a uma virtude, a uma qualidade pessoal, a uma coragem” (FOUCAULT, 2010, p. 68); essa escolha, essa coragem pela verdade é o que caracteriza um *parresiasta*, acima do desejo pela verdade, por falar francamente, é a coragem, a tenacidade destemida que dá o direito à *parresía*. E, acima de tudo, é a falta desta mesma coragem que caracteriza um *anti-parresiastes*.

Anti-parresiastes

Se, até agora, me atrevi a descortinar e desvendar os caminhos da *parresía* deixados por Foucault, seguindo por essa estrada sinuosa e cheia de intersecções, lanço-me agora por uma rota pouco iluminada e quase que inexplorada. Foucault deixa apenas uma pista na 2ª Conferência apresentada na Universidade de Berkeley, em 1985, ainda falando sobre a tragédia iônica e referindo-se especificamente a Apolo:

Apolo não fala a verdade, ele não revela o que sabe perfeitamente bem ser o caso, ele ilude os mortais através do silêncio, ou lhe diz puras mentiras puras, ele não é suficiente corajoso para falar por si só e usa seu poder, sua liberdade e sua superioridade para encobrir o que fizera. Apolo é o *anti-parresiastes*. (FOUCAULT, 2013, p. 25)

Enveredo-me desse ponto para tentar asfaltar uma estrada de pedra, encontrar limiares na atualidade que possam aclarar esse caminho do que constitui um *anti-parresíastes*. Foucault, ao apontar Apolo como *anti-parresíastes*, frisa a falta de coragem para com a verdade, sobretudo pela ênfase na palavra *não*. Dessa visada, começo a conjecturar que a não *parresía* inicie justamente pela negação da verdade. Na tragédia eurípediana, a verdade já estava posta e esclarecida, quando Íon e Creusa se reconhecem como mãe e filho e principalmente quando Atena vem como mensageira do próprio Apolo para encerrar a tragédia com a revelação final da verdade. Mas Apolo sequer aparece, negando a si e à humanidade o conhecimento da verdade, embora, como Foucault (2013) aponta, ele seja o deus profético responsável por trazer a verdade à humanidade.

Além da negativa, Foucault destaca que Apolo não é suficientemente corajoso para falar a verdade, ele se omite, não fala a verdade mesmo quando é o único que a conhece inteiramente; Apolo não fala sobre si mesmo, é impossibilitado de exercer *parresía* por ser um covarde. Ademais, mesmo sendo conhecedor da verdade, quando tem a oportunidade de falar francamente, Apolo escolhe a mentira, os subterfúgios para esconder seus erros, ele não somente omite, como também mente.

Desta visada, então, discutirei, a partir do que Foucault delimita como características *anti-parresíastas* para Apolo, os alicerces que podem ser precípuos e constitutivos para a identificação de *anti-parresíastas* na atualidade.

A *Negação*: princípio primeiro no jogo contrário a verdade, a negação se estende como recusa ao discurso verdadeiro. Ao negar a verdade o sujeito coloca-se numa posição de antagonista com o dizer verdadeiro, com a ética social, com o compromisso com si próprio; as relações que poderiam ser estabelecidas entre a verdade e o si são desmanteladas em virtude da negativa imperativa. O sujeito que não fala a verdade, ou não aceita a verdade de determinada situação, ou a nega por conveniência. Um dos princípios da *parresía* é “a livre coragem pela qual você se vincula a si mesmo no ato de dizer a verdade” (FOUCAULT, 2010, p. 64), dessa assertiva entendo que a não *parresía* se configura pelo livre exercício da covardia e pela arbitrariedade de viver enclausurado pela verdade do outro, sem nunca estabelecer consigo próprio uma relação. A única relação estabelecida pelo *anti-parresíastes* é a dominação pelo outro, a soberania do outro sobre si. O sujeito *anti-parresíasta* nega o *conhece-te a ti mesmo* por jamais permitir a relação do si com a verdade; não fala a verdade mesmo que lhe seja essencial; nega a verdade mesmo que ela se apresente inequívoca e irrefutável perante seus olhos. O *anti-parresíastes* está enclausurado e cego pela implicatura do *não*.

A *Covardia*: “Os *parresíastas* são os que, no limite, aceitam morrer por ter dito a verdade” (FOUCAULT, 2010, p. 56), os *anti-parresíastes*, ao contrário, se acovardam diante da verdade. A

covardia da não *parresía* não permite com que o sujeito fale por si; o sujeito *anti-parresíastes* teme a verdade, porque nela reside a delação das falhas, a denúncia do injusto, o lampejo da configuração do si que rui ante a negação. O *anti-parresíastes* tem um compromisso com a falha moral, com a desvirtude do discurso, com o desprezo pela fala franca e livre. A coragem da verdade é inalcançável para o sujeito *anti-parresíastes*, pois a coragem implica assumir os riscos que falar francamente fixa e o *anti-parresíastes* acovarda-se protegido por sua redoma de certezas inabaláveis e pela segurança da submissão ao discurso do outro. O sujeito *anti-parresíastes* cria peripécias para provar a si mesmo que a covardia de seu discurso é por auto preservação; a covardia não oferece riscos, é confortável, segura e previsível.

A *Mentira*: a estratégia suprema do *anti-parresíastes* é a mentira, pois encobre os rastros da verdade, poda a fala franca de seu exercício livre e direto. A *parresía* pode ser entendida como “uma espécie de formulação da verdade” (FOUCAULT, 2010, p. 61-62), pois trata da prerrogativa, da afirmação e da execução da verdade; é um princípio constitutivo. Para o *anti-parresíastes* trata-se, portanto, da formulação da mentira. É o desvio do discurso verdadeiro para uma alternativa que seja confortável ao sujeito em sua covardia e negação da verdade; a mentira se estabelece como verdade absoluta para o *anti-parresíastes* porque, ao dizer a mentira e acreditar que ela é verdadeira, o sujeito pensa verdadeiramente estar dizendo a verdade (FOUCAULT, 2010, p. 62); para o *anti-parresíastes* a mentira não é uma estratégia de desvio, é a verdade irrevogável e inquestionável. A mentira é o último artifício para a não *parresía*; ela se estabelece como *Fake News*, violação de direitos, formas-saber que contradizem os princípios éticos e morais. A não *parresía* também se manifesta pela omissão, pelo silêncio. A mentira, omissão ou silêncio perante a verdade instaura para o *anti-parresíastes* um lugar de antagonismo ativo à verdade coletiva; é o desvio pelo beco estreito e escuro como alternativa a verdade que se estende por uma avenida clara e movimentada.

Entre a história e o hoje

Eis que ousarei descortinar agora, sob a luz côncava da descontinuidade da história, o funcionamento possível dos eixos que compreendem a *anti-parresía* no Brasil da atualidade. Falar de atualidade, no sentido foucaultiano, significa sobretudo, realizar a diagnose do presente através da dispersão da história em sua descontinuidade. É necessário interrogar, como fez Foucault em *A Cultura de Si* (2015), o que somos enquanto fazendo parte desta atualidade, ou em outros termos, desvendar os desdobramentos da história em um empreendimento de ousar saber (*sapere aude*) a verdade sobre o presente em que vivemos. Me arriscarei a deslocar, nestes termos, a noção de *anti-parresía* da

tragédia *Íon* para falar do Brasil da atualidade em uma tentativa de realizar um diagnóstico do hoje e apontar como os eixos da *negação*, da *covardia* e da *mentira* se calcam tão firmemente na profusão dos discursos que nos cercam.

O que quero propor, em última instância, é a compreensão da atitude de *anti-parresíastes* com uma vinculação intimamente ligada a noção do acontecimento que “produz-se como efeito de e em uma dispersão material” (FOUCAULT, 1996, p. 57-58), ou melhor, a *parresía* e a *anti-parresía* estão no domínio do acontecimento em sua relação com a dispersão histórica dos discursos. É pela surgência do acontecimento novo, que as formas de dizer, de enunciar, de praticar a *parresía* e a *anti-parresía* são diagnosticados no hoje, através de descontinuidade.

Destarte, seguindo por esses termos, gostaria de indicar um exemplo do que poderia ser lido como *anti-parresíastes*; e falo, não de um sujeito, mas de uma rede de discursos que se constituem pela *anti-parresía*. Para isto, apresento a seguinte reportagem publicada pelo *site Aventuras na História* em 04 de dezembro de 2022:

Figura 1 – Notícia que nega resultado das urnas



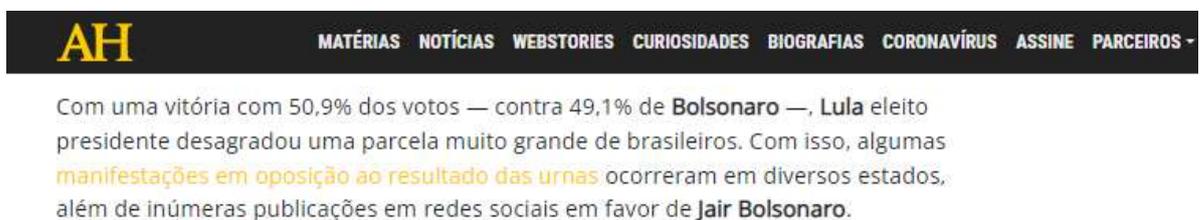
Fonte: Aventuras na História

Aqui, passo longe da imparcialidade, porque se isentar no discurso é assumir a posição vergonhosa de um *anti-parresíastes*. O que apresento com essa reportagem é a materialização da *anti-parresía*, e, portanto, dos *anti-parresíastas* nas nuances que os constitui. Princípio pelo enunciado do título da reportagem “Para *negar* o resultado das eleições, bolsonaristas dizem até mesmo que Lula usa um dublê”, faço ênfase específica no termo *negar*, porque é o que infelizmente vimos acontecer desde o dia 01 de novembro de 2022 nos acampamentos em frente aos quartéis de todo Brasil: a

negação. Ora, não se trata de uma negação a uma verdade individual, é uma negação de um fato, de um pleito eleitoral que é o ponto máximo de um sistema democrático. Como podemos falar de *parresía*, sem pensar nas formas como ela atinge a *pólis*? E como não falar da *anti-parresía* quando ela está agindo tão fortemente contra a *pólis*, contra a democracia? A negação dos bolsonaristas ao resultado das urnas é isto: um atentado contra a democracia, é a violação do direito de fala franca e livre. Os *anti-parresíastas* movimentam a *anti-parresía* em favor do que tomam como verdade: a derrota é inconcebível para estes sujeitos, não existe reflexão para a verdade.

Para falar sobre a covardia dos *anti-parresíastas*, apresento um trecho dessa mesma reportagem, a fim de melhor exemplificar um ponto essencial da covardia perante a verdade: a segurança da soberania do outro.

Figura 2 – Trecho de Matéria



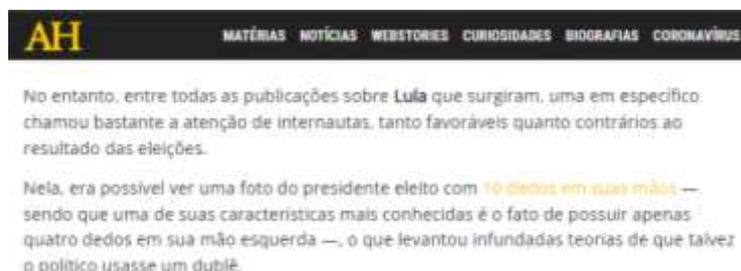
Fonte: Aventuras na História

Apresento este trecho da matéria para falar da atitude *anti-parresíasta* veiculada à insurgência de dizeres ligada ao acontecimento do pleito eleitoral como marcador do que é enunciado. Os *anti-parresíastes* não podem falar por si, eles evocam ao outro, e seguindo por este deslocamento para a Brasil atual, o outro refere-se ao então Presidente Jair Bolsonaro, aqui entendido com o soberano que manipula os discursos que regem o grupo de *anti-parresíastes*. As “manifestações” feitas por eles demandam a permanência da subserviência a seu mestre, pois não há relação de si para si, há a relação do outro para o rebanho, ousar dizer que há uma relação mestre-discípulo, contudo, deturbada, pois nessa relação não há objetivo do cuidado de si, há o objetivo do cuidado da segurança de se estar no topo de uma relação de poder. Há a covardia pela aceitação da fala franca. Há o favorecimento, pela covardia, de uma tirania. Os *anti-parresíastas* em questão acovardam-se diante da verdade incontestável e buscam em seu líder soberano a justificativa para suas ações; não é uma “manifestação” pelo discurso que prevalece; não é por uma causa coletiva do grupo, é sempre pelo outro.

Ainda nestes termos, gostaria de me ater ao último aspecto que considero relevante para a formação do que entendo como *anti-parresíaste*: a mentira como último recurso. Ainda no título da matéria já podemos visualizar a natureza do artifício utilizado: a utilização de um dublê que estaria

ocupando o lugar do Presidente, mas, primeiro trarei outro trecho da reportagem para vislumbrarmos os detalhes do funcionamento desse desvio à verdade em sua materialidade textual, para então apontar como o desvio à verdade alastra-se ao corpo.

Figura 3 – Trecho de Matéria



Fonte: Aventuras na História

A mentira, como último recurso, é arquitetada em mínimos detalhes; ela não surge somente como discurso da *anti-parresía*, é também manifestada na ordem do enunciado que compreende o corpo, através da materialização de um dedo que Lula não possui. A formulação da mentira sai do campo da especulação e invade o corpo, vejamos:

Figura 4 – Comparação entre fotografias



Fonte: Aventuras na História

Disponho, lado a lado, a foto original e a foto manipulada, com a adição quimérica de um quinto dedo. É a manifestação do beco estreito e escuro como saída a avenida iluminada; o desvio de uma verdade que não poderia, sequer, ser questionada. A foto manipulada invade o corpo virtual de

Lula em favor da realidade paralela criada pela mentira, invade o campo do discurso como *Fake News* e os sujeitos *anti-parresíastes* a tomam como verdade absoluta. Trata-se da relação antagônica com a verdade, o desvio torto e sinuoso para não ir de encontro a verdade. A mentira emerge com a necessidade da subserviência pelo governo do outro.

Ousei tomar apenas um entre tantos exemplos de *anti-parresíastas*; apenas uma formulação de mentiras que, infelizmente, cercam o discurso verdadeiro; apenas um dos inúmeros ataques ao exercício da *parresía*. Seja em Eurípedes ou no Brasil do século XXI, os sujeitos *anti-parresíastes* e seus discursos permanecem, cada qual a seu tempo, cada qual com sua história. Assim como em *Íon*, é preciso combater o silêncio conveniente, as mentiras, os discursos contrários a verdade para fazer prevalecer o exercício da *parresía* livre e franca. Assim como na tragédia de Eurípedes, Apolo é o *anti-parresíastes* de *Íon*, Jair Bolsonaro é o símbolo mor do *anti-parresíastes* na tragédia contemporânea que estamos vivendo. Assim como Apolo, ele se cala e acovarda ante a verdade, faz prevalecer a mentira através de seu silêncio, se esconde atrás de suas falhas para não as revelar.

Os sujeitos *anti-parresíastes* são o pivô das tragédias que nos consomem. A não *parresía* é o contrário do progresso, do avanço e da fala franca e livre; se a não *parresía* circula do mesmo modo que a *parresía* não é pela liberdade dos discursos, mas sim, pelo rompimento com o verdadeiro, é a válvula de escape, o oráculo obscuro pelo qual os covardes se expressam. A verdade, ao contrário da não *parresía*, não pode vir do outro, não pode ser guiada por um mestre, como Foucault (2013, p. 25) explica, “os seres humanos devem se conduzir por si próprio para descobrir a verdade e dizê-la”. Para efeito de desfecho, o exercício da *parresía* será sempre cerceado pelo *anti-parresíastes*, esta móbil mazela que não podemos jamais aceitar e sempre combater.

O meio do caminho

Vimos ao longo da discussão empreendida como o exercício da *parresía* está tão intimamente ligado ao exercício da cidadania, como há um imbricamento da *parresía* com a democracia, seja na Atenas de Eurípedes com seus deuses, oráculos e templos, ou no Brasil da atualidade com presidentes, eleições e atos antidemocráticos. Do mesmo modo que a *parresía* está ligada a democracia, me parece que o exercício da *anti-parresía* também. Na Atenas de *Íon*, para poder falar à *pólis* *Íon* reivindica seu direito de nascença, o exercício da *parresía* está relacionado ao seu pertencimento com o território. Há uma inversão, portanto, no Brasil atual, porque vemos acontecer o desdobramento de uma *anti-parresía*, porém que parte de um ponto comum com o exercício da *parresía*. Os *anti-parresíastes*

partem da reivindicação patriótica, de pertencimento e defesa do país para instaurar suas inconcebíveis mentiras.

É, então, a questão da cidadania que impulsiona os discursos de *parresía* em *Íon*, e de *anti-parresía* no Brasil. O fato da *parresía* circular como discurso livre e verdadeiro não impede, ou, impõe limites para a circulação também livre da *anti-parresía*: são duas ramificações proporcionadas pelo exercício da cidadania.

No Brasil, infelizmente, um exercício controverso da cidadania, um exercício democrático que busca invalidar a democracia, censurar a fala livre; um exercício de cidadania *anti-parresiástico* até o último fio. Apesar disto, a *parresía*, o discurso verdadeiro prevalece soberano. Sob o risco de perdemos nossas cabeças, ou nossos direitos, para fazer prevalecer a verdade, seguimos aos trancos e barrancos por esse caminho tortuoso. Aqui, não quero esgotar discussões, espero, na verdade, abrir um atalho menos sinuoso que o caminho original, mas ainda com muito a ser pavimentado. É no caminho da *parresía* que temos de seguir para entender nossas relações hoje e para entendermos também o amanhã; buscar entender no ontem através da genealogia onde esse caminho foi aberto primeiro para então seguirmos, sempre, no percurso oposto, pois no meio do caminho há a *anti-parresía*.

Referências

EURÍPEDES. **Teatro Completo**: volume II. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2016. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-livro-euripides-volume-2-teatro-completo-euripedes-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online> Acesso em: 02 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. 2ª Conferência: *parresía* na tragédia de Eurípedes. **Prometeus**, on-line, 2013, v. 6, n. 13, p. 13-47, outubro, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/issue/view/157> Acesso: 02 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Aula de 19 de janeiro de 1983. In: **O Governo de Si e dos Outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Aula de 23 de janeiro de 1983. In: **O Governo de Si e dos Outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MILANEZ, Nilton; MOURA, Ismarina; ALMEIDA, Beatriz. O corpo esteja convosco e ele está no meio de nós. In: MILANEZ, Nilton; GAMA-KHALIL, Marisa; PRATA, Vilmar. **Domínios da Carne**: ensaios sobre a sexualidade com Foucault. Salvador, BA: Labedisco, 2021. p. 57-89.

PARA NEGAR O RESULTADO DAS ELEIÇÕES, BOLSONARISTAS DIZEM ATÉ MESMO QUE LULA USA UM DUBLÊ. **Aventuras na História**, 2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/para-negar-o-resultado-das-eleicoes-bolsonaristas-ate-mesmo-dizem-que-lula-usa-um-duble.phtml> Acesso em: 12 jan. 2023.